ISSN: 2358-8829

RISO E HOMOFOBIA: (RE)PRODUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS LGBTQIAPN+ EM PIADAS DE JUNIOR CHICÓ NO AMBIENTE ESCOLAR

Ademario Jesus de Carvalho [1]

INTRODUÇÃO

O humor constitui um espaço de circulação de discursos sobre sujeitos e grupos sociais, no qual situações cotidianas, gestos e modos de falar podem ser retomados como matéria do risível. Quando as piadas tematizam a homossexualidade masculina, sua interpretação exige considerar as relações entre linguagem, memória e normas de gênero, uma vez que a produção do riso pode atualizar representações que reduzem identidades plurais a características tomadas como evidentes. Nesse contexto, o interesse da análise não se limita ao conteúdo verbal da narrativa, pois também abrange a organização da cena, os movimentos corporais e as posições discursivas mobilizadas na apresentação.

A aparência de descontração que caracteriza a situação humorística não elimina sua inscrição nas relações sociais, embora possa favorecer a circulação indireta de dizeres que, em outros contextos, encontrariam resistência. Possenti (2008) contribui para essa discussão ao mostrar que as piadas permitem observar discursos e representações socialmente disponíveis, de modo que a comicidade não pode ser compreendida como uma atividade inteiramente separada das tensões históricas. A identificação dos sentidos de uma piada depende, portanto, da relação entre o que é enunciado, as condições de produção e os saberes que tornam possível reconhecer uma situação como engraçada.

O presente artigo toma como objeto uma sequência discursiva do espetáculo *Quando Eu Me Assumi* (2019), analisada por estudantes do 3º ano de um colégio estadual de Ensino

[1] Doutor e Mestre em Estudo de Linguagens (PPGEL/UNEB). Especialista em Linguística (UESB). Graduado em Letras (UESB). Membro do Grupo de Pesquisa em Estudos do Discurso e Semiótica (GPEDiS) e do Grupo Edição e Estudo de Textos, vinculados ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Professor de Língua Portuguesa em Ipiaú-BA. Diretor do Departamento Pedagógico da Secretaria Municipal de Educação de Jitaúna-BA. Coordenador do Programa Alfabetizaletrando Jitaúna (PRALER). Dedico-me às pesquisas voltadas para o discurso, sob a perspectiva da Análise do Discurso de filiação francesa, produção textual e leitura, alfabetização e letramento, autoria, gêneros discursivos, produção humorística, (re)produção de estereótipos, performatividade de gênero e homofobia. Além disso, pesquiso sobre formação docente, currículo, práticas pedagógicas na EJA e gestão educacional. E-mail: demadicarvalho@outlook.com

ISSN: 2358-8829

Médio localizado no município de Jitaúna, na Bahia. A experiência focaliza os efeitos de sentido de piadas que tematizam a homossexualidade masculina e sua problematização no ambiente escolar, a partir de uma cena na qual o humorista narra a apresentação feita por um amigo, articulando gestos, a designação "viado" e a expressão "nem parece".

A questão que orienta o estudo consiste em compreender como enunciados verbais e formulações corporais participam da (re)produção de estereótipos sobre homens gays e oferecem elementos para uma leitura crítica no ambiente escolar. O objetivo é analisar o funcionamento discursivo do risível em sua articulação com normas de gênero, considerando as memórias acionadas pelos gestos, os efeitos da designação e as tensões produzidas pelo aparente elogio de uma homossexualidade que não se torna visível segundo padrões culturalmente esperados, sem pressupor acesso às intenções individuais do artista.

A pesquisa se inscreve na Análise de Discurso de filiação pecheutiana, em diálogo com Pêcheux (2014), Orlandi (2012; 2013) e as contribuições sobre riso, estereótipos e gênero que fundamentam a discussão. O texto apresenta inicialmente os conceitos mobilizados, descreve o percurso metodológico e desenvolve a análise da sequência, retomando ao final os resultados e seus limites. Essa organização permite discutir o humor como prática de linguagem atravessada por relações de saber e poder, sem generalizar para toda a produção de Junior Chicó ou para o conjunto do humor brasileiro as interpretações formuladas a partir de uma única materialidade.

METODOLOGIA

O estudo adota abordagem qualitativa e interpretativa, fundamentada em exploração bibliográfica e na análise de uma materialidade audiovisual, em consonância com Chizzotti (2006). Seu contexto é uma experiência de análise realizada por estudantes do 3º ano de um colégio estadual de Ensino Médio em Jitaúna-BA, voltada à problematização dos efeitos de sentido de piadas sobre a homossexualidade masculina no ambiente escolar; o recorte selecionado corresponde a uma sequência do espetáculo *Quando Eu Me Assumi* (2019), disponibilizado no *YouTube*.

O procedimento analítico consiste em relacionar os elementos verbais e corporais da sequência às condições de produção e às memórias discursivas sobre a homossexualidade masculina, examinando a sexualização dos gestos, a repetição de "viado" e os efeitos da expressão "nem parece". A transcrição e o *QR Code* que acompanham o texto mantêm o vínculo entre o recorte apresentado e o registro audiovisual da cena discutida. As interpretações se referem aos efeitos produzidos no recorte e às posições discursivas nele encenadas, sem atribuir automaticamente esses sentidos à identidade pessoal ou às intenções do artista.

ISSN: 2358-8829

A transcrição orienta a leitura, mas não substitui o registro audiovisual, pois pausas, entonações e gestos participam dos sentidos; por isso, o exame distingue a fala atribuída ao amigo da reação do narrador. A participação dos estudantes situa a experiência pedagógica, enquanto o material analisado neste artigo corresponde à sequência humorística, sem reprodução de falas discentes, registros individuais ou resultados de avaliação de aprendizagem, preservando-se a identificação dos participantes e da instituição.

REFERENCIAL TEÓRICO

1. Discurso, condições de produção e memória

A cena humorística constitui um espaço de enunciação no qual a palavra se articula à presença corporal, à organização do palco e às relações estabelecidas com a plateia. Charaudeau (2006) permite pensar essa articulação entre relações de força e mecanismos de encenação da linguagem, contribuindo para compreender que os sentidos não se restringem ao significado literal das expressões. Na perspectiva discursiva, interessa examinar como os recursos mobilizados na apresentação se inscrevem em determinadas condições de produção e participam da construção de representações socialmente reconhecíveis.

Orlandi (2013) distingue as condições de produção em sentido estrito, relativas à situação imediata da enunciação, e em sentido amplo, vinculadas ao contexto sócio-histórico e ideológico. No recorte analisado, a primeira dimensão envolve a narrativa de uma apresentação entre amigos encenada no palco, enquanto a segunda remete às normas que regulam a masculinidade e às memórias que associam a homossexualidade a determinados comportamentos. A distinção é analítica, pois ambas as dimensões se relacionam na produção dos efeitos de sentido, impedindo que a cena seja tratada como ocorrência isolada de sua historicidade.

A noção de formação discursiva permite compreender por que as palavras não apresentam um sentido único e independente das posições em que são mobilizadas. Conforme Pêcheux (2014) e Orlandi (2012), os sentidos se constituem nas relações entre linguagem e ideologia, de modo que o sujeito não é tomado como origem soberana do dizer. A interpretação de uma designação, portanto, depende de sua inscrição discursiva e das relações que estabelece com outros enunciados, razão pela qual um mesmo termo pode produzir efeitos de inferiorização, pertencimento ou contestação em condições distintas.

As formações discursivas não constituem blocos inteiramente fechados, pois são atravessadas por saberes e posições que podem ser retomados, questionados ou deslocados. A

ISSN: 2358-8829

discussão de Indursky (2007), em diálogo com Pêcheux (2014), permite distinguir identificação, contraidentificação e desidentificação, reconhecendo que o questionamento de determinados saberes pode ocorrer no interior de uma formação discursiva. Essa contribuição é relevante para analisar uma narrativa na qual a encenação de representações estereotipadas aparece acompanhada de uma pergunta que problematiza o valor atribuído à aparência masculina.

A memória discursiva, por sua vez, não corresponde a um depósito estável de significados nem à lembrança individual do enunciador, mas ao funcionamento dos já-ditos que tornam possível interpretar novas formulações. Pêcheux (1999) destaca seu caráter móvel e conflituoso, permitindo compreender que as retomadas também envolvem deslocamentos e disputas. Na cena analisada, os dizeres sobre homens gays encontram apoio em saberes anteriores, enquanto sua reinscrição na narrativa humorística pode produzir efeitos que dependem da articulação entre o gesto encenado, a fala atribuída ao amigo e a reação do narrador.

2. O riso entre regulação social e funcionamento do chiste

Bergson (2018) situa o cômico em sua relação com o humano e com a vida social, ressaltando que o riso pressupõe formas de reconhecimento compartilhadas. Sua reflexão permite compreender que objetos, gestos e atitudes se tornam risíveis quando associados a características humanas e interpretados em determinado contexto, e não porque contenham uma comicidade independente das relações sociais. No estudo do humor, essa perspectiva desloca a atenção da suposta natureza engraçada de um corpo para os critérios pelos quais certos comportamentos são reconhecidos e selecionados como matéria da cena cômica.

A discussão bergsoniana também relaciona o riso a um afastamento momentâneo da emoção e à cumplicidade de um grupo, permitindo examinar sua possível função de regulação dos comportamentos. Essa contribuição não autoriza concluir que toda manifestação de riso expresse a mesma posição, mas oferece uma referência para analisar situações nas quais diferenças corporais e comportamentais são expostas ao julgamento coletivo. Quando um modo de falar ou gesticular é convertido em sinal de inadequação, a comicidade pode participar da reafirmação de expectativas normativas, embora os sentidos dessa exposição precisem ser examinados na materialidade de cada cena.

Freud (1969) aborda os chistes a partir de seus procedimentos de elaboração e de sua relação com o inconsciente, distinguindo formas que não apresentam finalidade tendenciosa daquelas ligadas a propósitos como a hostilidade e a obscenidade. A linguagem oferece recursos

ISSN: 2358-8829

para condensar sentidos, deslocar formulações e produzir prazer, enquanto a circulação do chiste envolve sua comunicação a outro sujeito. Na análise proposta, essa discussão contribui para examinar a articulação entre referências sexuais e produção do risível, sem supor que as categorias freudianas e as noções da Análise de Discurso sejam equivalentes.

3. Corpo, performatividade de gênero e estereótipos

A discussão da performatividade exige distinguir a apresentação cênica do humorista da noção teórica de constituição reiterativa das normas de gênero. Em Butler (2001), a performatividade não se reduz a um ato voluntário nem a uma escolha individual de gestos, pois se relaciona à repetição de normas que produzem efeitos sobre a materialidade dos corpos. A encenação humorística pode mobilizar e citar essas normas, mas não deve ser tomada como sinônimo do conceito, uma vez que o interesse analítico recai sobre os processos pelos quais determinados modos de apresentar o corpo passam a significar masculinidade, feminilidade ou desvio.

O corpo é compreendido como materialidade atravessada por relações culturais, históricas e de poder, conforme a discussão de Goellner (2005), o que permite examinar os gestos como formas de significação socialmente interpretadas. Nesse sentido, associar delicadeza, movimentação da cintura ou entonação de voz à homossexualidade não constitui uma leitura neutra do corpo, mas uma operação apoiada em expectativas de gênero. A análise não toma essas características como atributos essenciais dos homens gays, procurando compreender como se tornam sinais convencionais utilizados para reconhecer e classificar sujeitos.

A heteronormatividade participa desse processo ao apresentar determinadas relações entre corpo, gênero e sexualidade como evidentes, enquanto as experiências que não correspondem a tais expectativas podem ser desqualificadas. As discussões de Hall (2002) e Bauman (2005) contribuem para questionar identidades concebidas como essências fixas, ao passo que Moita Lopes (2013) ressalta a importância de problematizar visões universalizantes. No recorte estudado, essas contribuições permitem observar que a aparente oposição entre o gay reconhecível e aquele que “nem parece” não descreve tipos naturais de sujeito, mas modos de organizar discursivamente a diferença.

Os estereótipos operam pela seleção e generalização de características, oferecendo imagens simplificadas de pessoas e grupos. Lippmann (1972) contribui para compreender sua relação com opiniões previamente constituídas, enquanto Ashmore e Del Boca (1979) discutem crenças compartilhadas sobre atributos grupais. A repetição dessas imagens pode apagar a

ISSN: 2358-8829

diversidade das experiências e produzir a impressão de que uma característica define integralmente os sujeitos, mecanismo que se torna relevante quando a piada associa a homossexualidade masculina a práticas sexuais ou comportamentos tomados como únicos elementos de identificação.

A rotulação também se articula à produção de estigmas, pois a atribuição de uma característica pode ser acompanhada de desvalorização social e de relações desiguais de poder. Link e Phelan (2001) e Bacila (2005) ajudam a compreender esse processo, enquanto Pereira (2002) situa os estereótipos em contextos de conflito, diferenças de poder e construção de identidades sociais. Sua mobilização no humor exige, portanto, atenção aos efeitos produzidos pela associação entre uma designação, uma imagem corporal e uma expectativa de comportamento, evitando interpretar a representação cômica como reprodução direta e completa da realidade.

Amossy (2004) ressalta a participação do conhecimento do interlocutor no reconhecimento do estereótipo, o que aproxima a discussão das relações entre memória e interpretação. A compreensão de um gesto ou de uma designação depende de saberes que circulam socialmente e que podem ser atualizados em novas condições de produção, sem permanecerem imutáveis. É nessa articulação que o estudo examina a cena de Junior Chicó, considerando tanto a retomada de representações depreciativas quanto a possibilidade de que a própria narrativa coloque em questão os critérios que sustentam a classificação dos sujeitos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. A sequência discursiva e a composição da cena

A sequência apresenta uma situação cotidiana de revelação da orientação sexual, na qual um amigo parece considerar insuficiente dizer apenas o nome de Chicó e acrescenta gestos e designações para identificá-lo como gay. A cena humorística coloca em circulação um repertório de sinais socialmente associados à sexualidade e culmina no comentário “nem parece”, interpretado pelo narrador como um suposto elogio. O quadro a seguir apresenta a transcrição da sequência, incluindo a indicação sobre a participação dos movimentos corporais na enunciação.

ISSN: 2358-8829

Quadro 1 – Apresentação de Junior Chicó aos amigos

Sequência Discursiva 01
Tem uns amigos que agora me apresentam assim pra todo mundo. Em qualquer situação, vai me apresentar, é... Ô, esse aqui é o Chicó. E quando... E vai... E vai no gesto, quando não funciona, ele faz... Viado, viado! E é empolgado que ele faz... É viado, mas ó... Nem parece, né? Aí eu fico, como assim nem parece? Que a galera fala o não parece como se fosse um tipo de elogio, né? Eu não entendo como isso funciona como elogio, velho (o sujeito-humorista enuncia valendo-se de gestos e movimentos corporais) (Chicó, 2019).

Fonte: Chicó (2019). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=SHFdIKAQQ9s&t=34s. Acesso em: 4 abr. 2023.

Figura 1 – *QR Code* da cena transcrita na Sequência Discursiva 01

Fonte: autoria própria (2025).

2. Gestos, sexualização e memória discursiva

Na cena, o humorista encena movimentos que remetem a práticas sexuais para representar a forma como o amigo comunica sua homossexualidade, aproximando a identificação do personagem de um repertório sexualizado. A formação de uma circunferência com os dedos e a simulação de um ato sexual oral não funcionam como sinais naturais de orientação sexual, mas como construções que dependem de saberes compartilhados para serem reconhecidas. O efeito risível se produz nessa relação entre a apresentação social de uma pessoa e a substituição de informações sobre ela por gestos que a reduzem à dimensão sexual.

Courtine (2013) oferece uma contribuição para essa leitura ao discutir a intericonicidade e as relações entre imagens, memórias pessoais e memórias coletivas. Os gestos da sequência não são interpretados isoladamente, pois remetem a outras imagens e práticas de significação que circulam socialmente, permitindo reconhecer aquilo que a cena mostra sem que todas as referências precisem ser verbalizadas. Nessa articulação, o corpo participa da materialidade discursiva e produz efeitos que não podem ser explicados somente pela transcrição das falas, evidenciando a necessidade de considerar o audiovisual como parte constitutiva do objeto.

A sexualização identificada no recorte se relaciona à seleção de uma característica apresentada como suficiente para reconhecer o homem gay, enquanto outras dimensões de sua identidade ficam em segundo plano. Em diálogo com Lippmann (1972), essa operação pode ser compreendida como uma simplificação que transforma um repertório de práticas em imagem geral do grupo, aproximando a comicidade da (re)produção de estereótipos. A análise não

ISSN: 2358-8829

atribui tais práticas a todos os homossexuais, mas examina como a encenação torna disponível essa generalização e como ela pode ser reconhecida a partir de memórias anteriores.

Essa tensão exige cuidado na passagem entre a descrição dos gestos e a atribuição de posições discursivas, pois encenar a conduta de um personagem não equivale necessariamente a subscrevê-la. O funcionamento da cena pode retomar saberes sexualizantes e, simultaneamente, tornar visível o caráter inadequado de uma apresentação que reduz o outro à orientação sexual. A leitura discursiva precisa, assim, acompanhar as relações entre os enunciados e seus lugares na narrativa, em vez de estabelecer uma correspondência automática entre um recurso cômico e uma intenção individual de discriminar.

A participação do corpo na construção do risível permite relacionar a análise aos processos pelos quais a feminilidade é desvalorizada quando atribuída aos homens, em articulação com as relações de gênero discutidas neste estudo. A delicadeza e outros comportamentos culturalmente associados ao feminino não definem a orientação sexual, embora sejam frequentemente mobilizados como indícios de uma identidade gay supostamente reconhecível. Ao recuperar esse repertório, a cena coloca em funcionamento expectativas de masculinidade que atravessam a leitura dos gestos e tornam possível compreender a referência sexual como classificação do personagem, reafirmando a necessidade de examinar a relação entre estereótipo, corpo e hierarquia social.

3. A designação “viado” e a disputa dos sentidos

A repetição de “viado” intensifica a apresentação do personagem como homossexual e explicita verbalmente a classificação que os gestos já procuravam produzir, articulando nomeação e corporeidade. A palavra mobiliza uma história de usos depreciativos e pode funcionar como instrumento de inferiorização, mas seus efeitos não se esgotam em uma definição dicionarizada. A referência de Aranha (2002) permite situá-la no campo dos insultos, enquanto a interpretação do recorte exige observar quem a enuncia na narrativa, a quem se dirige e de que maneira se relaciona às demais formulações da cena.

A análise da designação também precisa considerar processos de apropriação e ressignificação que deslocam sua força injuriosa em determinados usos, conforme a discussão de Oliveira (2020). Quando sujeitos historicamente atingidos por uma palavra a mobilizam como marca de pertencimento ou contestação, os efeitos não se mantêm necessariamente idênticos aos de situações de violência, embora esse deslocamento não elimine a memória depreciativa. No recorte, a repetição da designação aparece na fala encenada do amigo,

ISSN: 2358-8829

tornando relevante examinar a articulação entre essa nomeação insistente e a reação que o narrador formula em seguida.

4. “Nem parece” e a hierarquização das masculinidades

A expressão “nem parece” introduz uma comparação entre o personagem apresentado e uma imagem socialmente esperada do homem gay, produzindo um efeito de surpresa diante da ausência dos sinais que tornariam sua orientação sexual reconhecível. O suposto elogio pressupõe que parecer gay corresponderia a uma condição menos valorizada, enquanto a manutenção de uma aparência masculina ofereceria maior adequação às expectativas sociais. Essa hierarquização se apoia em estereótipos que associam homossexualidade e feminilidade e transformam características corporais em critérios de reconhecimento e avaliação dos sujeitos.

A contribuição de Butler (2001) permite compreender que tais critérios se sustentam na reiteração de normas, e não em uma correspondência necessária entre corpo, gênero e desejo. A frase não descreve uma essência visível da homossexualidade, mas cita expectativas sobre como um homem gay deveria falar, mover-se ou apresentar-se, fazendo com que a ausência desses traços possa ser interpretada como motivo de aprovação. A cena evidencia, assim, uma forma de regulação que opera mesmo quando não se formula uma proibição explícita, pois estabelece quais modos de viver a diferença parecem socialmente mais aceitáveis.

Em diálogo com Foucault (1979), o corpo pode ser compreendido como lugar de investimento de relações de poder que produzem classificações e regulam condutas, enquanto Welzer-Lang (2001) contribui para situar a homofobia na construção normativa da masculinidade. A valorização de um gay que não parece gay participa dessa organização ao preservar a virilidade como referência de reconhecimento, relegando à desqualificação aqueles que se afastam dos comportamentos esperados. Essa leitura não estabelece que todo sujeito discreto esteja submetido ao mesmo sentido, mas examina o valor que a expressão assume na cena em relação ao contraste que ela pressupõe.

O aparente elogio também permite observar como a aceitação da diferença pode ser condicionada à pouca visibilidade de seus sinais, de modo que a orientação sexual é tolerada desde que não desestabilize os códigos tradicionais de masculinidade. Essa condição não é apresentada como regra universal de todas as relações sociais, mas como efeito de sentido sustentado pela comparação que a expressão pressupõe. Na interpretação desenvolvida no artigo, a classificação do personagem como alguém que não parece gay atualiza uma hierarquia entre formas de viver e apresentar a sexualidade, reafirmando a valorização da virilidade e a desqualificação dos sujeitos que exibem comportamentos socialmente associados ao feminino.

ISSN: 2358-8829

A sequência, contudo, não termina no aparente elogio, pois o narrador pergunta como a expressão poderia funcionar como elogio e afirma não compreender tal funcionamento. Esse movimento precisa ser integrado à análise, uma vez que explicita a inadequação do critério de aprovação e introduz uma posição de questionamento diante da fala atribuída ao amigo. À luz de Indursky (2007), pode-se interpretar essa passagem como uma tensão com saberes heteronormativos retomados na narrativa, sem pressupor uma ruptura completa ou atribuir à sequência uma homogeneidade que sua própria organização enunciativa não apresenta.

A cena torna possível discutir simultaneamente a atualização dos estereótipos e sua problematização, pois a encenação depende de representações reconhecíveis para produzir o risível, enquanto a reação do narrador coloca em questão a hierarquia que as sustenta. Essa ambivalência não torna irrelevantes os efeitos de sexualização ou de desvalorização da feminilidade, mas impede atribuir ao recorte apenas uma direção de sentido. O gesto analítico reconhece que o humor pode expor formas de preconceito utilizando os mesmos repertórios que circulam em sua reprodução, exigindo atenção às posições e aos deslocamentos efetivamente materializados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da sequência do espetáculo *Quando Eu Me Assumi* permitiu examinar como o riso se articula à retomada de memórias sobre a homossexualidade masculina, evidenciando a participação dos gestos e das designações na produção de representações sexualizadas e na hierarquização dos modos de apresentar o corpo. O recorte mostra que a referência a práticas sexuais pode reduzir a identidade do personagem a uma dimensão isolada, enquanto a expressão “nem parece” atualiza expectativas que valorizam a aparência masculina e desqualificam os sinais culturalmente associados à feminilidade.

Ao mesmo tempo, a reação do narrador ao suposto elogio introduz uma tensão com os sentidos que a fala do amigo mobiliza, razão pela qual a sequência não pode ser interpretada como reprodução inteiramente uniforme de uma posição heteronormativa. A distinção entre as vozes encenadas e o exame da articulação entre dizer e mostrar permitem compreender que a circulação de estereótipos no humor pode coexistir com movimentos de questionamento. Nesse sentido, a performatividade de gênero oferece uma referência para analisar a reiteração das normas e suas possibilidades de deslocamento, preservando sua diferença em relação à atuação cênica.

A experiência de análise realizada pelos estudantes do 3º ano em Jitaúna situa a discussão dos efeitos sociais do risível em um contexto de leitura escolar, permitindo relacionar

a interpretação de gestos e designações à problematização de estereótipos de gênero e sexualidade. Essa contextualização não autoriza afirmar mudanças de atitude ou aprendizagem sem registros específicos, mas sustenta a pertinência de discutir criticamente o humor na escola, considerando a coexistência de reprodução e contestação das hierarquias que atingem grupos historicamente minorizados.

Palavras-chave: Humor; Homofobia; Análise do Discurso.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, R. Estereótipo. In: CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

ARANHA, A. J. **Dicionário Brasileiro de Insultos**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

ASHMORE, R. D.; DEL BOCA, F. K. Sex stereotypes and implicit personality theory: toward a cognitive-social psychological conceptualization. **Sex Roles**, v. 5, n. 2, p. 219–248, 1979. DOI: https://doi.org/10.1007/BF00287932.

BACILA, C. R. **Estigmas**: um estudo sobre os preconceitos. Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2005.

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BERGSON, H. **O riso**: ensaio sobre o significado do cômico. Tradução Maria Adriana Camargo Capello. São Paulo: Edipro, 2018.

BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo". In: LOURO, G. L. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

CHARAUDEAU, P. **Discurso Político**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHICÓ, J. **Junior Chicó – Quando eu me assumi (Comedians Comedy Club)**. 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=SHFdIKAQQ9s&t=34s. Acesso em: 4 abr. 2023.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e Sociais**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

COURTINE, J. J. **Decifrar o corpo**: pensar com Foucault. Tradução Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2013.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FREUD, S. **Os chistes e sua relação com o inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 8).

GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 28–40.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

INDURSKY, F. Da interpelação à falha no ritual: a trajetória da noção de formação discursiva. In: BARONAS, R. L. (org.). **Análise do Discurso: apontamentos para uma**

história da noção – conceito de formação discursiva. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007.

LINK, B. G.; PHELAN, J. C. Conceptualizing Stigma. **Annual Review of Sociology**, v. 27, p. 363-385, 2001. Disponível em: https://montefioreeinstein.org/documents/Original-Article-Conceptulalizing-Stigma.pdf. Acesso em: 13 nov. 2025.

LIPPMANN, W. Estereótipos. In: STEINBERG S. (org.). **Meios de Comunicação de Massa**. São Paulo: Cultrix, 1972.

MOITA LOPES, L. P. Gênero, sexualidade, raça em contextos de letramentos escolares. In: MOITA LOPES, L. P. **Linguística Aplicada na modernidade recente**. São Paulo: Editora Parábola, 2013. p. 227-248.

OLIVEIRA, L. S. O termo "veado/viado" em duas comunidades linguísticas: diferentes sensações de sentido na perspectiva da teoria queer e da semântica cultural. **Anais do Seminário Nacional Universidade EAD e Software Livre**, Belo Horizonte, 2020. Disponível em: https://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/ueadsl/article/viewFile/18144/1125613935. Acesso em: 2 mar. 2024.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 11. ed. Campinas: Pontes, 2013.

ORLANDI, E. P. **Discurso em análise**: sujeito, sentido e ideologia. 2. ed. Campinas: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, M. Papel da Memória. In: ACHARD, Pierre [et al.]. **Papel da Memória**. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-57.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 5. ed. Campinas: Unicamp, [1975] 2014.

PEREIRA, M. E. **Psicologia social dos estereótipos**. São Paulo: EPU, 2002.

POSSENTI, S. **Os humores da língua**: análises lingüísticas de piadas. 6. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

WELZER-LANG, D. A Construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Femininos**, v. 9 n. 2, p. 460-482, 2001.